

61  
218  
DEPÓSITO LEGAL  
MAY 1943

# MUNDO GRÁFICO



As fontes de Lisboa têm destas donairosas esculturas de graça feminina

# CONSTRUINDO A VITÓRIA

**D**OS lares, escolas e colégios e da indústria civil, a mulher norte-americana, como a mulher inglesa e dos outros membros das Nações Unidas, está a afluir, aos milhões, aos labores bélicos de que o país necessita, trabalhando nos estabelecimentos fabris, arsenais, na indústria de automóveis e fábricas de munições.

O concurso da mulher verifica-se tanto nas cidades como nos campos. Nos serviços de transportes e comunicações, assim como em hospitais, na defesa civil, na administração federal e estadual e nas próprias forças armadas, ela está a desempenhar cargos de responsabilidade. Hoje, mais de 3.500.000 mulheres trabalham nas fábricas de tanks, aviões, canhões, granadas e colaboram nos estaleiros que constroem navios de guerra para as Nações Unidas. No fim de 1943, mais de um quinto dos 30.000.000 de operários que trabalham nas indústrias de guerra — ou sejam 6.000.000, aproximadamente — serão mulheres que, de «overalls» e gorros protectores, darão ainda maior impulso à produção de guerra.

Mais de 6.000.000 de mulheres já estão em actividade nos serviços da defesa civil, na Cruz Vermelha e em organizações administrativas federais, estaduais e municipais em todo país. E, até fins do próximo ano, unidades auxiliares do Exército e da Marinha irão ainda absorver mais 300.000

Na maioria, as indústrias de guerra encontram na mulher uma auxiliar excelente para qualquer trabalho, excepto aqueles que demandam excepcional robustez física. A operária é particularmente útil em trabalhos mais leves, mas que exigem precisão de movimentos, e pe-

(Continua na página 29)



**DESASTRE SIMULADO**

## CICLO ESTORIL

**H**Á pouco ainda qualquer coisa faltava para completar as instalações de interesse público que nesta estância de turismo tanto abundam. Frequentada por muitos estrangeiros de países em que o ciclismo está generalizado, não havia aqui onde encontrar uma bicicleta para vender ou alugar.

Foi então que Alberto Fernandes abriu, na rua de Bicesse, o Chalet Maria, um pequeno estabelecimento onde as vendia e alugava. Sobreveio a guerra e com ela a crise de transportes o que valorizou enormemente esta iniciativa de que afinal resultou um êxito inesperado.

Alargou as suas instalações, montou uma oficina de reparações, foi estabelecer, no ponto mais central, quasi em frente da estação do caminho de ferro, um stand de aluguel de bicicletas onde alinha bastantes máquinas, como se vê da gravura junta, sempre muito afinadas e, portanto, com a maior segurança, em que passeiam desde a manhã ao anoitecer, senhoras, homens e crianças que as aproveitam para percorrer os arredores, onde se fazem agradáveis excursões.



# REFLEXOS DO MUNDO

## Tempestade sobre a Alemanha.

A aviação das Nações Unidas está a descarregar sobre a indústria de guerra alemã, portos, aerodromos, etc. e países por ela ocupados um peso de bombas e explosivos que nunca os homens sonharam.

Nada detem o poderio ofensivo da R. A. F. e dos americanos. A tripulação dum «Lencaster», que tomou parte no ataque a Berlim, no fim de Março, sentiu no seu aparelho os efeitos do golpe que vibrara. Deixara cair, sobre o objectivo, a sua bomba de quatro toneladas, além de outras. Ouvia-se a explosão ao mesmo tempo o «Lencaster»

era projectado a mais 150 metros de altura, por efeito dela. Mas nada sofreu. Inscreveu, apenas, no seu activo, mais um raid feliz.

## Marinha grega

Um comunicado oficial anuncia que o submarino grego *Papanikolis*, que opera com a armada britânica, enviou para o fundo mais dois navios de abastecimentos inimigos, no Mediterrâneo.

Entre os sobreviventes havia numerosos soldados italianos, agora prisioneiros.

O *Papanikolis*, antes da campanha da Grécia, afundou quatro transportes italianos, entre



os quais, um de dez mil toneladas. Em Dezembro último, no Mediterrâneo Ocidental, atingiu e afundou outro grande navio de abastecimentos.

Ao todo, afundou já sete navios inimigos, contribuindo assim para a libertação da sua pátria.

## BOMBAS, SEMPRE MAIS BOMBAS

A indústria de guerra do Reich está sendo constantemente martelada pelos aviões da R. A. F. que, dia e noite, numa vaga ininterrupta, levam as suas bombas ao coração da Alemanha, à Itália e aos países ocupados. Eis uma poderosa formação de quadrimotores bombardeando uma importante zona industrial do Ruhr

## VINHO DO PÔRTO

# “Graham”

da firma

Guilherme & João Graham & C.<sup>a</sup>

de VILA NOVA DE GAIA

Agentes em Portugal e Colónias:

Guilherme, Graham, Jr. & C.<sup>a</sup>

Rua dos Fanqueiros, 7    Rua dos Clérigos, 6  
L I S B O A P Ô R T O  
Tel. 20066/9    Tel. 880/1



Um intervalo na batalha. Estes dois soldados de Montgomery aproveitam o tempo a limpar a metralhadora do seu blindado, que fez bom serviço

## Feitos de guerra

Do 8.º Exército faz parte a 4.ª divisão indiana que iniciou com os «tommies» o ataque à linha Mareth. Aquela divisão combate desde o principio da conflagração no continente africano.

Fez parte do pequeno exército com que o general Wavell conquistou a Cirenaica. Tomou, depois, parte na libertação da Abissínia, integrada nas forças que

atacaram a África Oriental italiana, em Janeiro de 1941. Mais tarde, regressou ao deserto ocidental, repelindo as tropas de Rommel na fronteira do Egipto. Após, seguiu para a Síria, onde, com as forças francesas, lutou contra as tropas do general Dentz. Novamente no norte de África ingressou nas forças com que o general Auchinleck fez a sua ofensiva. Entrou em Benghazi, combateu em El Alamein escolou a crista de Ruweisat. Em 15 de Março encontrava-se na linha Mareth ao lado dos seus irmãos de armas.

## Águias americanas

O aviador americano William Momyer abateu num só dia quatro «Stukas» e avariou gravemente mais seis e um «Me-109».

A esquadilha que comandava, depois de ter metralhado uma estrada de El Guetar, regressava quando avistou dezoito «Stukas», protegidos por «Me 109».

Dois despensaram-se a arder, abatendo-se no solo; o terceiro, explodiu no ar, e o quarto foi abatido, depois de o piloto se ter lançado em para-quedas, em território ocupado pelas forças das Nações Unidas.

## Natalidade

A natalidade da Gran-Bretanha não diminuiu durante a guerra. Em 1942 registou-se o maior número de nascimentos, nos últimos 14 anos.

O total foi de 655.075, ou seja mais 68 mil de que em 1941, constituindo o mais alto nível desde 1928. Eis o que se pode chamar a geração da vitória.



Um herói da guerra do deserto com a mascote da sua companhia



...aqui

# AMÉRICA



## Emissões dos ESTADOS UNIDOS

EM LINGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

HORAS	ESTAÇÕES	ONDAS CURTAS	
6,15	WEBX	31,1 m.	9,650 kc/s.
8,45	WRUW	49,6 m.	6,040 kc/s.
10,45	WBOS	48,8 m.	6,140 kc/s.
12,45	WBOS	25,3 m.	11,870 kc/s.
16,45	WBOS	19,7 m.	15,210 kc/s.
16,45	WGEA	25,3 m.	11,847 kc/s.
18,45	WGEA	25,3 m.	11,847 kc/s.
20,45	WGEO	31,5 m.	9,530 kc/s.
21,45	WGEO	31,5 m.	9,530 kc/s.
24,15	WDJ	39,7 m.	7,565 kc/s.

*Emissões diárias*

**OIÇA a VOZ da**  
**AMÉRICA em MARCHA**

# É O VIII EXÉRCITO QUE DECIDIRÁ A CAMPANHA DE ÁFRICA

O 8.º Exército decidirá a campanha de África. Montgomery, que é hoje um nome extraordinário e merecidamente popular, não apenas na Gran-Bretanha mas em todo o Mundo, tornou-se um símbolo da acção vitoriosa da sua pátria. Nas suas palavras, nos seus gestos, nas suas iniciativas, é toda a decisão britânica de combater e de vencer que aparece resumida. O Mundo sabe que nem uma única vez este soldado deixou de preparar sábiamente os seus ataques; e sabe também que nunca esses ataques deixaram de conduzir à vitória. Alamein e Tobruk, Benghasi e Tripoli, são as expressões do seu avanço e do seu ímpeto ofensivo, que nada conseguiu deter.

Ao partir das proximidades do Nilo, há aproximadamente cinco meses, o general revelou que lhe haviam confiado uma missão: expulsar o inimigo do continente africano. Quem duvidará, um instante sequer, que a missão será integralmente cumprida? Há cinco meses que o inimigo retira na sua frente. Mas a retirada tem um termo e esse termo aproxima-se. Montgomery anunciou que ele deve coincidir com as primeiras semanas de Maio. Os acontecimentos indicam que o glorioso chefe militar não faz uma profecia vã. Limita-se a articular um raciocínio claro.

A operação conduzida pelos seus métodos habituais, que levou à rendição da linha Mareth é uma das mais perfeitamente concebidas e escrupulosamente realizadas que a história desta guerra regista. Enquanto por um ataque frontal fixava o inimigo, Montgo-

mery realizava uma tentativa de flanqueamento coroada de pleno êxito. Ao fim de oito dias de luta, as tropas do marechal Rommel batiam em retirada deixando nas mãos dos atacantes alguns milhares de prisioneiros.

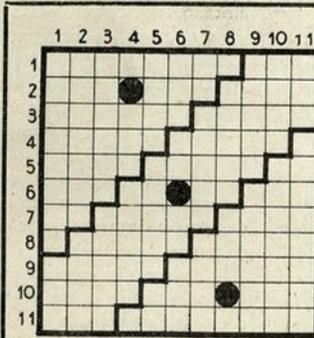
Menos um dia do que fôra consumido para dominar a linha fortificada de Alamein, levou Montgomery a ultrapassar o obstáculo do Mareth em que tantas esperanças depositavam os chefes militares do «eixo». As esperanças desvaneceram-se e com elas desvaneceu-se a possibilidade de oferecer, antes de Bizerta, uma resistência séria ao avanço do 8.º Exército britânico, em direcção ao Mediterrâneo.

Este é o objectivo final a alcançar no termo de uma marcha que já ultrapassou dois mil e quinhentos quilómetros. Quando, perante uma carta geográfica, apreciamos esta extensão e as condições do terreno pelo qual ela se alonga, compreendemos que a Gran-Bretanha tenha um orgulho legítimo pelo esforço dos seus filhos.

O campo de batalha africano decidirá num futuro próximo da evolução do actual conflito. O termo deste será apressado ainda pela acção dos soldados de Montgomery. O Mediterrâneo vai constituir, certamente, a última etapa a percorrer antes da decisão final. A História repetir-se-á, mais uma vez, no cenário tradicional de tantas decisões. Mas será Cartago que colherá os frutos da vitória custosamente ganha e que, por isso mesmo, é indispensável acautelar, em todos os seus aspectos.



Churchill com os generais Montgomery e Fryberg durante uma visita do Primeiro Ministro à África do Norte



PROBLEMA N.º 61

### HORIZONTAIS

- Uma das coordenadas que servem para fixar um ponto no plano. — Ilha do mar Egeu, uma das Esporades, onde nasceram Hipócrates e Apelles.
- Devota — Cabo na costa de Marrocos, fronteiro ao arquipélago das Canárias — Nome colectivo dado aos animais criados no campo.
- Diz-se de um ácido derivado do ósmio — Boldrié.
- Gasta — Antiquário.
- Substância produzida pelas abelhas — Antiga medida de quatro alieutes (para cereais) — Batráquio.
- Vai-te embora! — Entre nós — Caminhava — Bilis.
- 550 — Irmãs — A ilha mais montanhosa do arquipélago dos Açores.
- Corcovas — Oculte.
- Que se deixa peltar por dinheiro. — Andar à volta.
- De viva voz — Interjeição que serve para estimular. — Eternidade (poét.).
- Interjeição que limita pancada. — Toranas claro.

### VERTICAIS

- Desenhado — Fonema.
- APELIDO DO BRIGADEIRO-GENERAL, COMANDANTE GERAL DAS FORÇAS AERÉAS AMERICANAS NA CHINA, NA BIRMANIA E NA ÍNDIA. — Produz.
- Nome de dois rios da Rússia, um afluente do Volga e o outro afluente do Dnieper — Engenheiros explosivos que se empregam para barrar a entrada dos portos ou outras zonas marítimas.
- Nome de uma cadeia de montanhas em Creta — Completo.
- Língua falada pelo povo que ocupava o Perú quando os espanhóis o conquistaram. — Facho. — Artígo antigo.
- Inclúme — Dirija-se — Artígo (pl.) — Gracejou.
- Inclúme — Dirija-se — Artígo (pl.) — Gracejou.
- Ermó — João de origem inglesa que se executa num quadrado de terreno dividido por uma rede baixa — Filtram.
- Mó de lavar de azeite — Divindade mitológica que representa a natureza personificada.
- Carril — APELIDO DO PILOTO PESSOAL DO REI DE INGLATERRA, HÁ DIAS CONDECO-

## INDIGESTÃO? DEPRESSA UMA RENNIE

### E PRONTO



### A DOR DESAPARECE

Existe um remédio que age depressa. Leva-se na algibeira, não precisa de água para se tomar e chama-se Rennie.

Rennie é uma combinação de 15 ingredientes, que incluem anti-ácidos para neutralizar a acidez; absorventes para re-uzir os gases e fermentos, par<sup>o</sup> auxiliar a digestão. Rennie dissolve-se na boca. Entra imediatamente em actividade, pois chega ao estômago com toda a sua força, que não é diluída pela água.

As pessoas que têm sofrido de incómodos padecimentos de estômago, obtiveram rápidos alívios com Rennie. Vendem-se em todas as farmácias.

RADO COM A D. F. C. PELO SEU TRABALHO EM VÁRIAS MISSÕES OFICIAIS DE GRANDE RESPONSABILIDADE.

- Aversão — Temja.
- Ruído — Estudantes do 1.º ano de qualquer curso.



Solução do problema n.º 60

# HERPETOL

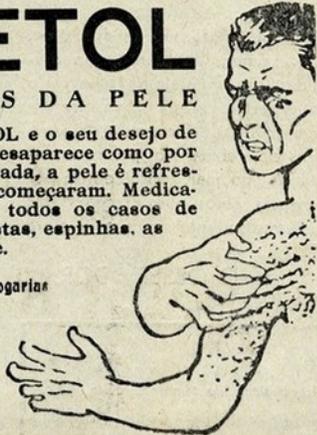
## PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, as erupções ou ardência na pele.

À venda em todas as farmácias e drograrias

Vicente Ribeiro & Carvalho  
da Fonseca, Limitada

RUA DA PRATA, 237  
LISBOA





**BRUCE FRAZER** ★

**A** personalidade do novo comandante chefe da «Home Fleet» é das que não podem separar-se da actividade do Almirante no decurso do actual conflito. Falar dessa actividade o mesmo é que falar da epopeia da «Royal Navy» em três anos e meio de uma acção incansável em todos os mares e em todos os climas, no Atlântico e no Ártico, no Mar do Norte e no Mediterrâneo, no Mar Vermelho e no Índico. Quando for possível fazer a história completa dessa acção, verificar-se-á quanto a Armada Real britânica contribuiu para alcançar a vitória.

Num período particularmente difícil, o almirante Bruce Frazer tem sido um dos cérebros da máquina naval britânica. O seu nome, através dum conselho avisado e prudente, a sua reputação, através duma autoridade profissional incontestável, ficarão indissolúvelmente ligados aos êxitos alcançados, em tôda a parte, pelos navios e pelos marinheiros da Gran-Bretanha.

Primeiro, como perito naval de grande reputação, depois durante o exercício das funções delicadas de terceiro Lord do Mar, pela sua actividade decisiva como um dos chefes categorizados do Estado Maior, o almirante Bruce Frazer tem sido um obreiro infatigável da supremacia britânica durante o actual conflito. O comando da «Home Fleet», numa fase difícil da guerra no mar, serviria apenas para confirmar as qualidades excepcionais afirmadas no decurso de uma carreira brilhantíssima. Na altura em que se anuncia a proximidade de importantes operações navais no Atlântico e no Mediterrâneo, a simples invocação do seu nome constitui uma garantia de que a Gran-Bretanha continuará, quaisquer que sejam as circunstâncias, a dominar o mar e que esse domínio continuará a ser uma das condições fundamentais do êxito da causa das Nações Unidas.

## Crónica Internacional

# A HORA DA DECISÃO

O «clima» da guerra atinge a sua fase crucial. À medida que o tempo decorre torna-se cada vez mais claro que se aproxima a decisão. O ano de 1943 será o das resoluções supremas. Não era êsse, de resto, o sentido da mensagem de Casablanca? Ao mesmo tempo que se estreita a fraternidade de armas que cimenta a acção militar do bloco das Nações Unidas, os seus objectivos desenham-se com uma clareza maior e as perspectivas do futuro, que não parece muito distante, desvendam-se reveladoramente.

Olhando um mapa da Europa não é difícil ter a sensação exacta do que vai passar-se.

Na ilha britânica, entre Casablanca e Bizerta, no noroeste africano, e no Egipto e no Próximo Oriente, encontram-se alguns milhares de homens, excelentemente treinados e equipados.

Da competência do seu comando nada há a acrescentar depois das provas dadas ultimamente. A qualidade do material que utilizam está acima dos mais fundamentados elogios de técnicos e peritos.

A acção eventual a desempenhar por êsses milhões de homens apoia-se em dois elementos capitais: uma superioridade naval incontestável e uma supremacia aérea que faz diariamente as suas provas.

Em nenhum ponto do vasto campo de batalha aéreo-naval que se estende entre as costas setentrionais da Noruega e o litoral da península balcânica, no Mar do Norte e no Atlântico, no Ártico e no Mediterrâneo, no céu do continente europeu e no continente africano, os navios e os aviões das Nações Unidas dominam sem contestação. Essa realidade condiciona todos os projectos e tôdas as conjecturas que a evolução dos acontecimentos suscita.

A liquidação da resistência germano-italiana na Tunísia constitui o primeiro passo para apressar a decisão. Desde o desembarque anglo-americano no Norte de Africa nunca os aliados dissimularam ou ocultaram o seu propósito de utilizar o continente africano como uma plataforma gigantesca para saltar sobre a Europa. A disposição actual das suas forças não faz mais do que confirmar as idéias desde as primeiras horas assentes a êsse respeito.

Mas essa realidade não pode invalidar a consideração de que em outros pontos, de onde igualmente é possível desencadear uma tentativa de invasão, se encontram concentrados poderosíssimos núcleos de forças aliadas prontas a entrar em acção à primeira voz.

Poucas vezes na história se terá operado, certamente, um conjunto de concentrações militares tão impressionante como aquêllo a que neste momento estamos assistindo. Se outros indícios não houvesse de que a hora da decisão se aproxima, e as declarações inequívocas dos homens de Estado responsáveis no campo das Nações Unidas, são um sintoma bem claro da firmeza da sua atitude, o espectáculo que se verifica em tôrno do continente europeu e a actividade incessante da arma aérea dos aliados sobre os países do «eixo» e os países ocupados bem como os preparativos feitos no mar, constituem só por si o mais sólido argumento a invocar pelos que esperam dos tempos próximos resoluções de transcendente significação e de repercussões incalculáveis.

○ OBSERVADOR

### A próxima ofensiva

O tempo passa rápido! Com a ofensiva das Nações Unidas na Tunísia, cujas linhas decisivas indicam já um fecho próximo, a nossa atenção não se tem fixado, na realidade próxima, capital e imminente: a ofensiva terrestre das Nações Unidas.

A sua hora soará antes de Setembro. Quando? Em que ponto? De que maneira? Eis as grandes interrogações que pezam, sombriamente, sobre os destinos da Alemanha e da Itália.

### A guerra na Rússia

*Não acreditamos que os «nazis» tentem uma ofensiva de vulto, na Rússia, esta primavera. É possível que esbocem, aqui e ali, qualquer movimento, mas, puramente, de carácter local.*

*E há, ainda, um factor importante a ponderar: a próxima ofensiva das Nações Unidas que, inevitavelmente, obrigará a Alemanha a deslocar numerosas forças para essa batalha crucial.*

### Números

Na última semana, em três dias, as forças das Nações Unidas destruíram no Mediterrâneo, 250 aviões.

Entre a rotura da linha Mareth, e a conquista de Gabés, o 8.º Exército capturou vinte mil soldados e oficiais.

Em 48 horas, a R. A. F. e a aviação americana bombardearam Kiel, Essen, Nápoles, as fábricas Renault, em Billancourt, aeródromos em Marshallinge, Caen, Siracusa, Carlforte e Creta, fora a acção exercida na Tunísia.

### O raid a Antuérpia

Encontra-se na Europa o arcebispo católico de Nova York, Mons. Spellman. É também o chefe dos capelães do exército americano.

Veio à Europa visitar os soldados dos Estados Unidos.

Quando, há dias, as fortalezas voadoras atacaram pela primeira vez Antuérpia, o arcebispo, acompanhado pelo comandante da aviação americana na Europa, assistiu à partida dos aviões.

Antes, havia visitado já vários aeródromos.

No campo de onde partiram, os aviadores católicos receberam a benção do arcebispo, como os antigos cruzados que invocavam o auxílio de Deus para a sua missão.

### «Mundo Gráfico»

A distribuição da nossa revista passou, desde o número passado, a ser feita por esta administração, à qual devem ser dirigidos todos os pedidos.

## MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENAL

Propriedade de Mundo Gráfico, Lda

Director: **ARTUR PORTELA**

Editor: **ROCHA RAMOS**

Redacção e Administração: Rua das Gâveas, 6-2.º | Lisboa | Telefone 25240

Composição e Impressão: Neogravura, Lda, Travessa da Oliveira, à Estréla, 4 a 10—Lisboa

PAGINAÇÃO DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1\$50

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



As vitórias da R. A. F. assombra o mundo. Foi ela que na batalha de Londres, em proezas heroicas que constituem uma verdadeira epopeia, modificou o curso de guerra.

## GLÓRIA À R.A.F. A maior força aérea do mundo

**N**ASCIDA na guerra, a R. A. F. acaba de celebrar na guerra o 25.º aniversário da sua fundação. As cerimónias a que essa comemoração deu lugar revelaram, de maneira inequívoca, que não é apenas na Grã-Bretanha que existe um sentimento que é, ao mesmo tempo, de admiração e de reconhecimento pelos heróis da força aérea britânica. Esse sentimento estende-se a todos os países que, beligerantes ou não, acompanham com uma emoção justificada, a acção dos seus pilotos, dos seus chefes e dos seus construtores.



O Exército paraquedista inglês, ao lado dos seus irmãos de armas americanos, está pronto para invadir os países inimigos



O que é preciso para ir a Berlim, além da carga gigantesca de dinamite, que os "Stirling" e os "Lancasters" levam na sua fuselagem



Neste céu vibrante de asas e motores, destaca-se a figura do herói da R. A. F., vitoriosa sempre em todos os combates



O fogo da R. A. F. é sempre certo. Ei-la actuando no Mediterrâneo. O fumo negro é um navio do Eixo que arde. O outro teve também a mesma sorte



Nas centenas de fotografias de bombardeamentos aéreos, escolhemos esta ao acaso. E' Nuremberg, com as suas fábricas de material de guerra, que ficaram destruídas. A R. A. F. voltou e aniquilou o resto

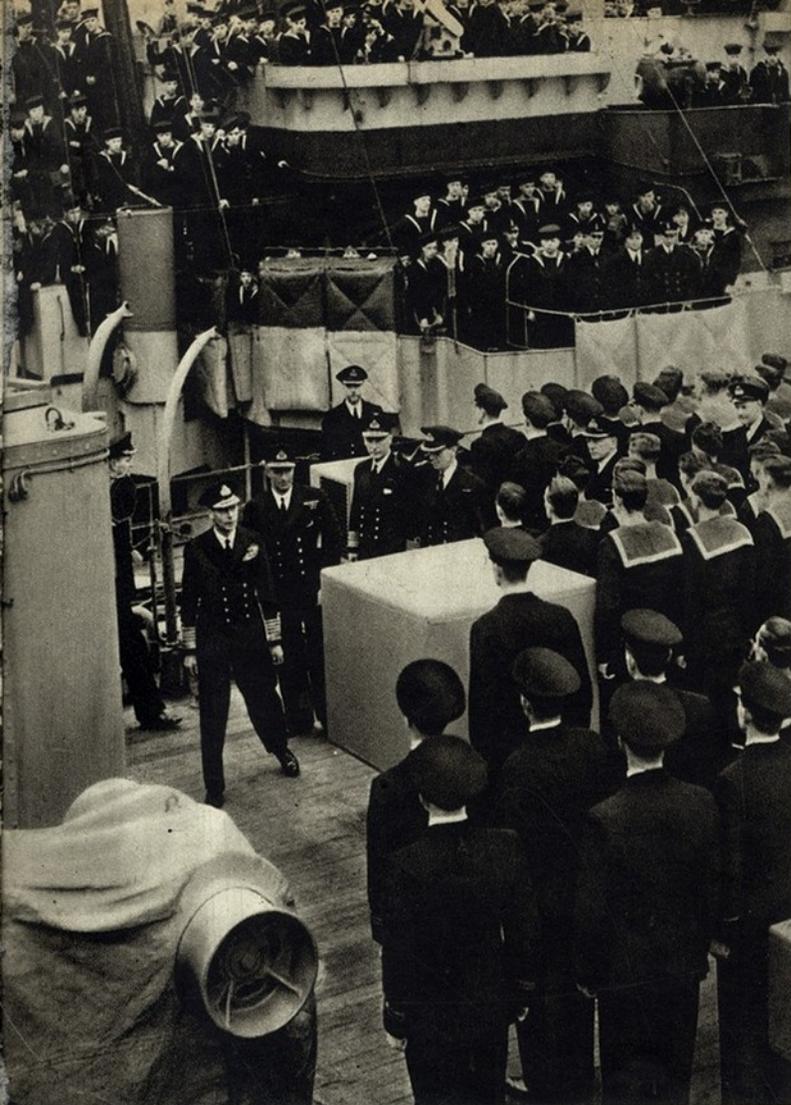


A audácia dos aviadores ingleses permite fotografar este ataque às oficinas de locomotivas de Nantes, das quais já se eleva o fumo da destruição

A comemoração do 25.º aniversário da fundação da R. A. F. deu lugar, além das manifestações inequívocas que se produziram por toda a parte, a que se tornasse conhecido um facto que bem pode vir a decidir, num futuro relativamente próximo, da guerra e do seu curso. A R. A. F. foi oficialmente declarado, é actualmente a maior força aérea do Mundo, maior que a aviação de qualquer outro país em guerra. O paralelo é, sobretudo, de considerar no caso da "Luftwaffe", quando recordamos as horas difíceis do início da guerra e as horas não menos difíceis mas certamente mais gloriosas da batalha da Inglaterra.

A superioridade da força aérea britânica não é apenas função do número de aparelhos que nela se encontram integrados. As vantagens incontestáveis demonstradas exuberantemente por alguns dos mais modernos tipos de aviões britânicos afirma a excelência da construção. Quanto ao pessoal, basta recordar a epopeia que os seus homens estão escrevendo nos céus de todo o Mundo, desde as paragens frias do Artico e do Mar do Norte até as regiões quentes do continente africano e do Mediterrâneo. Por toda a parte onde é chamada a intervir, a R. A. F. do

# O REI ENTRE OS SEUS MARINHEIROS



Um grande Rei e uma poderosa esquadra. Jorge VI visita a Home Fleet, envergando o glorioso uniforme de almirante. Neste quadro histórico está simbolizada a grandeza invulnerável da Inglaterra e do seu Império



Os grandes marinheiros que se têm batido em todos os mares do mundo sempre com honra, glória e heroísmo



O Rei entre o almirante Sir J. Tovey, e o capitão Mc Cardby, a bordo do "Ensa", assistindo a uma festa dos seus bravos marinheiros



O Rei Jorge VI tendo à direita o almirante sir J. Tovey, rodeados de oficiais superiores da Home Fleet, os mesmos de Trafalgar e de Matapan



**A ESTRÉLA DE REVISTA**

# A OFENSIVA AMERICANA NA TUNÍSIA



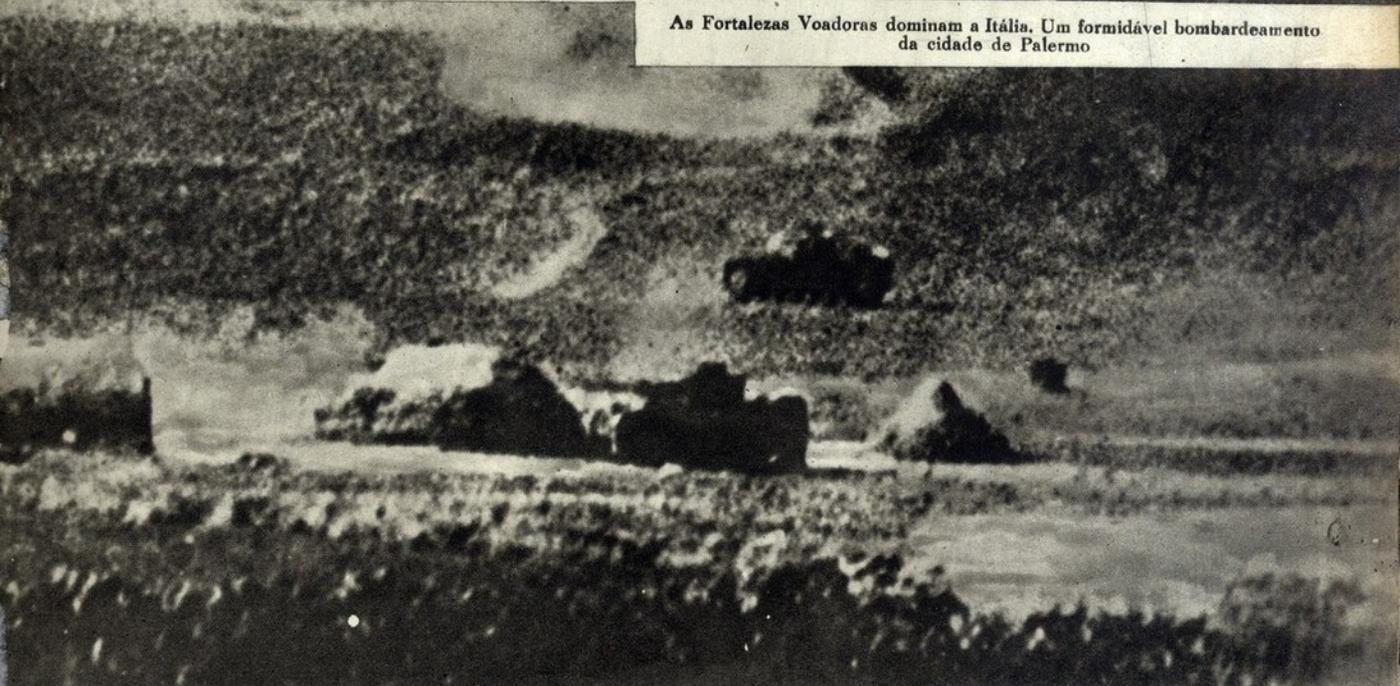
Sob o comando supremo do general Eisenhower, as tropas das Nações Unidas, acossam as forças de Rommel, infligindo-lhe sucessivas derrotas. As baionetas americanas conquistam Maknassy



O 5.º Exército americano depois da conquista de El Guetar, num admirável ataque flanco às forças do Eixo, ligou-se com o 8.º Exército. Um oficial americano colhendo informações dos habitantes franceses da região



As Fortalezas Voadoras dominam a Itália. Um formidável bombardeamento da cidade de Palermo



Os blindados de Rommel tem sido destruídos implacavelmente, na sua debandada para o norte. A artilharia americana, bem como a inglesa, redu-los a estes montões de chamas e destroços



Os velhos amadores de música com as suas fisionomias expressivas relembram as valsas românticas da sua mocidade



Os violões da Tuna — dois artistas consumados



O sr. Teixeira, flautista exímio, e um dos melhores elementos do agrupamento



Os bandolins são mais poéticos e dolentes. Teem um som azul e oiro

## MOCIDADE DE HA 40 ANOS

É de crer que qualquer filósofo da antiguidade houvesse proclamado que são mais moços os indivíduos que tiveram juventude do que aqueles que ainda vivem em pleno fulgor de ilusões.

Ora, a ser verdade a sentença, talvez ela se possa explicar d'êste modo: Os que já foram novos e possuem a chama de um sentimento nobre, ao chegar aos sessenta, anos vivem os tempos idos. Isto é: voltam a viver — não importa que seja apenas flusória a visão do passado.

Talvez para justificar aquêlê acêrto, os componentes da antiga Tuna Comercial deram-se a reviver os tempos passados, em que foram jóvens. E conseguiram êsse propósito. Por mais paradoxal que o facto pareça, o que é verdade é que, hoje, não emprestam menos

(Continua na página 30)

# O PROLOGO DA INVASÃO



Os Exércitos das Nações Unidas atacam em tôdas as frentes. Conduzindo um morteiro para uma posição mais avançada



Oficiais americanos na Tunísia examinando um "Heinkel 111," que foi apreendido intacto ao inimigo



Uma visão de um campo de batalha



Uma longa fila de soldados italianos capturados pelas forças yankees, em Maknassy



Uma janela, um jardim e uma rapariga que tem o coração cheio de amor...

## PÁTIOS DE LISBOA

OS pátios de Lisboa são uma das mais expressivas características deste capital de mil cores e mil ambições. Cada um é habitado por cinquenta, sessenta, cem famílias, colmeia humana zumbidora, com os seus risos e as suas lágrimas, sob a cruz do destino.

Encontra-se por toda a parte, principalmente na cidade que tem séculos de idade, retalhos pitorescos de arquitetura, onde, por vezes, há flores, poesia e aquela ternura que nasce dum convívio íntimo em que a vida de cada um é a vida de todos.

Quantos não têm servido de quadro típico aos nossos artistas, em lindas aguarelas, a que uma empena cor de rosa, um andar de ressaltos, uma gelozia mourisca imprimem um cunho especial de beleza, que vem



A entrada dum dos mais característicos pátios de Lisboa, onde mora o trabalho e a saudade...

pelos séculos fóra resistindo a tôdas as tentativas do camartelo municipal?

A vida pode ser dura, é-o, certamente, mas vem o mês dos santos, e o páteo por mais obscuro que seja, alinda-se, entelha-se, fica um jardim.

Há festões de verdura, balões rutilantes, uma pequena orquestra, um coreto improvisado e os pares bailam, enlaçados, esquecendo na sua alegria romântica, que a vida nem sempre é assim.

Há casas pequeninas, como gaiolas de pintasilgo onde tudo cabe duma maneira inverosímil. Quando dá o sol o amarelo dos sobrados reluz como ouro, de tão lavado que anda. E tudo tão arranjado com as suas cobertas de chita, as suas comodas de mogno, as suas flores de papel, que podia ali entrar um rei. Nos pei-



Esta Maria risonha e sentimental espera que o seu Romeu volte do trabalho



*Num cenário pobre e romântico, as pessoas e os bichos vivem em perfeita harmonia*

loris das janelas, pela parede acima, até mesmo no telhado, arranja-se sempre lugar para pôr mais um craveiro ou uma sardineira. O Pátio do Carrasco que fica entre o Limoeiro e a rua da Saúde é dos mais característicos. Mestre Schwalbach aproveitou-o para cenário duma das suas comédias.

Talvez que o falar das gentes seja mais rude, mas é sincero, temperado no trabalho, com aqueles vocabulos que são o sal dos autos vicentinos. Gente boa, rude, franca, exuberante, que nasceu entre aquelas pedras, que parecem polidas, gretadas de tantos séculos, de tantas vidas. Todos os pátios têm a sua fisionomia própria, a que um nome arcaico, das velhas crônicas alfaiatas, dá relevo histórico. As casas são velhas e são pobres, mas as almas são novas e ricas de fraternidade humana.



*Raparigas de trabalho, raparigas em flor, que ganham o pão de cada dia a cantar*



*De janela para janela, falam as vizinhas da comédia da vida quotidiana*



*Alegria no pátio. As raparigas falam dos seus noivos. Vamos ter, em breve, n'ais um casamento...*

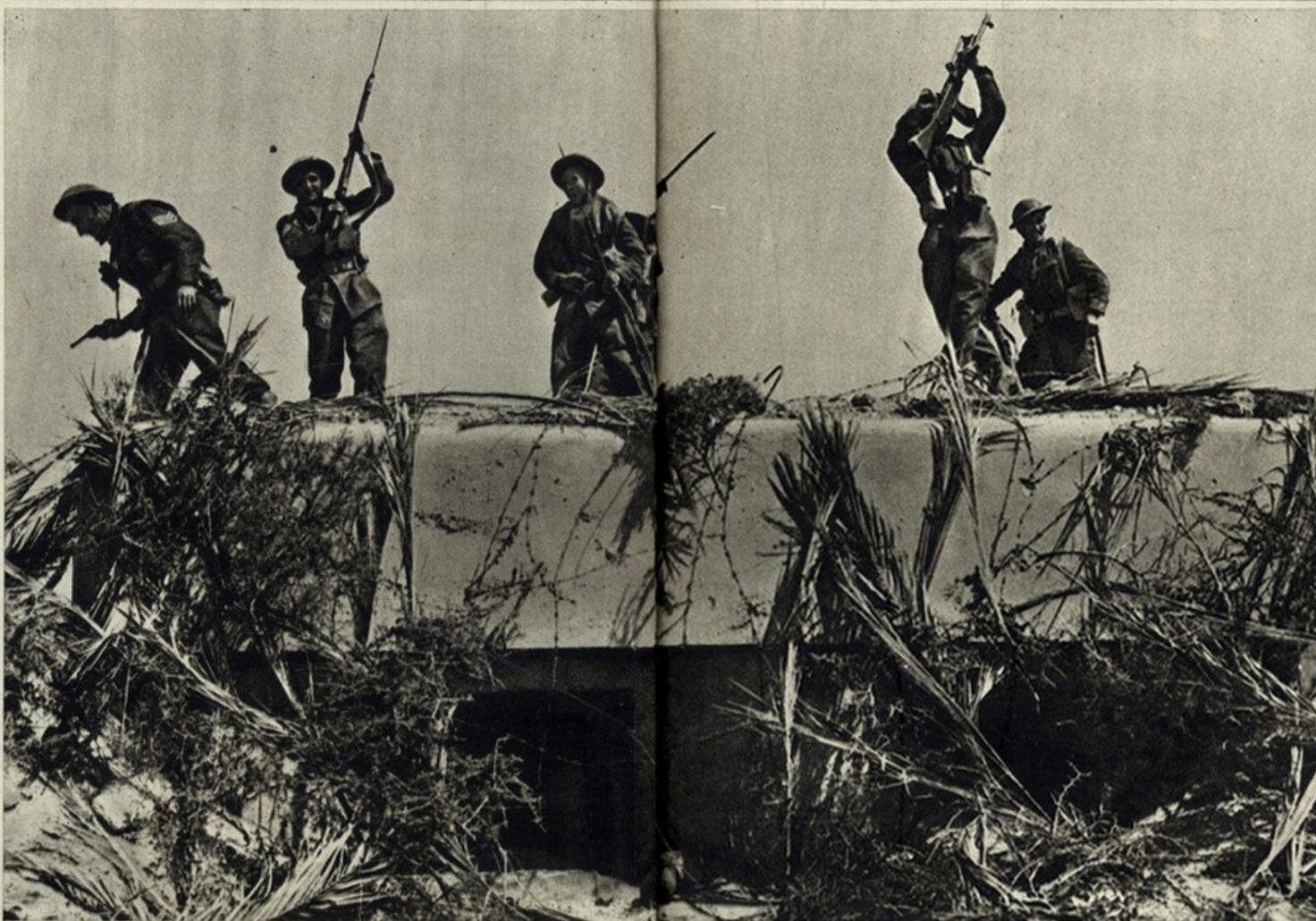
# A VITORIA DE MONTGOMERY



O 8.º Exército realizou já a mais grandiosa campanha de África que a história regista. Um instante flagrante da infantaria britânica atacando os fortes de Mareth



Sob o fogo da artilharia britânica e com uma formidável cobertura aérea da R. A. F., as primeiras defesas da linha Mareth são ultrapassadas pelos soldados de Montgomery



Mais um blindado inimigo destruído em pleno campo de batalha. Toda a formação a que pertencia foi destruída e, no solo, vêm-se restos fumegantes que assinalam a derrota



Junto de um forte da linha Mareth existia esta trincheira, ocupada pelos soldados imperiais ingleses, que se serviram dela, depois, como posto de observação para prosseguir no seu avanço

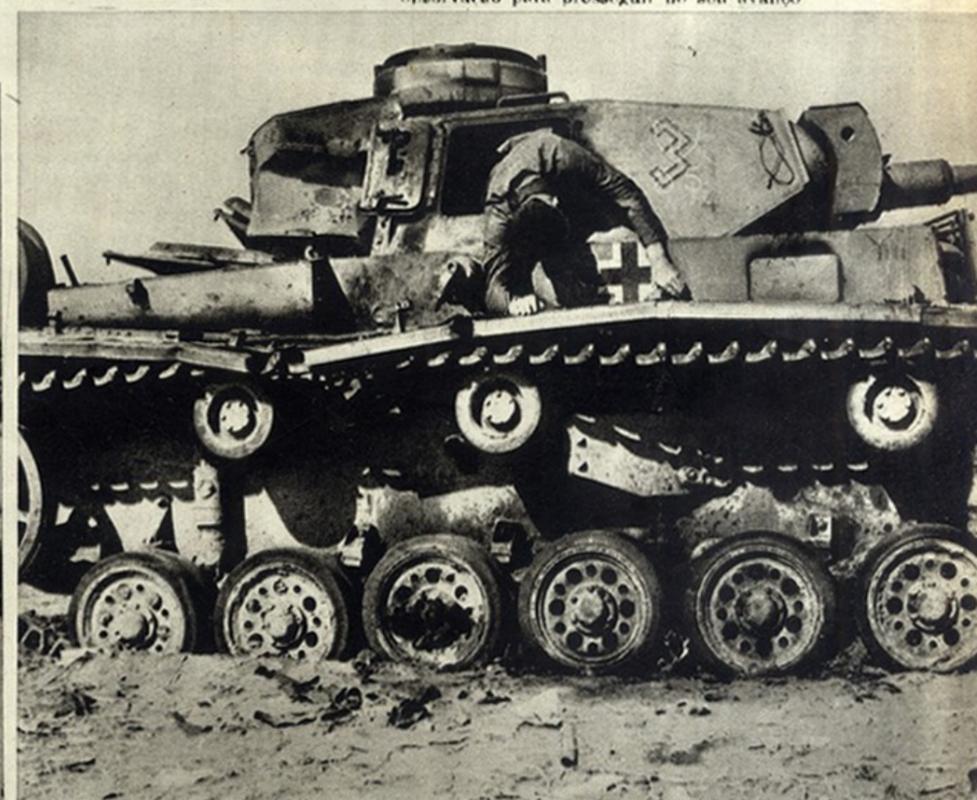


Estes dois soldados ingleses realizaram uma heróica proeza. Atravessaram as linhas inimigas para dinamitar um tank. Agora afastam-se do blindado antes que ele expluda

Foi rota a linha Mareth! Nova vitória do 8.º Exército. Soldados de Montgomery não conhecem obstáculos. O seu caminho é para a frente, sempre para a frente sobre uma casamata daquela defesa, eles aniquilam os últimos inimigos, prosseguido o seu avanço irresistível



O Exército americano em Guetar, depois da sua brilhante ofensiva, na qual capturou centenas de alemães e italianos e destruiu quarenta tanks. Os soldados inimigos guardados pelas baionetas da grande América



Genas da guerra. Um tank alemão foi atingido certamente pelo fogo inglês

# FIGURAS E FACTOS



O sr. Presidente da Republica, com sua esposa, na inauguração da Casa da Infância, da Casa Mundet, no Seixal



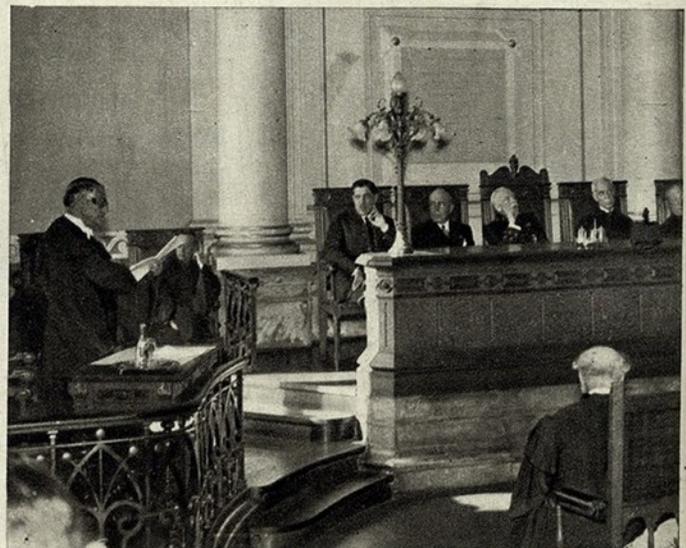
A comissão da Golegã com o sr. ministro das Obras Públicas, quando veio agradecer-lhe os melhoramentos realizados naquela região



O sr. ministro dos Estados Unidos em Lisboa com os membros da missão militar, aeronautica e naval que seguiram para aquele país a convite do Governo norte-americano, para visitar a sua indústria de guerra e os centros de instrução militar



Durante a cerimônia inaugural da Semana das Colônias a que presidiu o sr. sub-secretário de Estado das Colônias, na Sociedade de Geografia



A sessão comemorativa do centenário de Sousa Martins, a que presidiu o Chefe de Estado e assistiu o sr. ministro da Educação. O sr. prof. dr. Azevedo Neves discursando

# A NORUEGA NA GUERRA



O rei Haakon da Noruega, que tão nobremente encarna as virtudes heroicas da sua valorosa nação

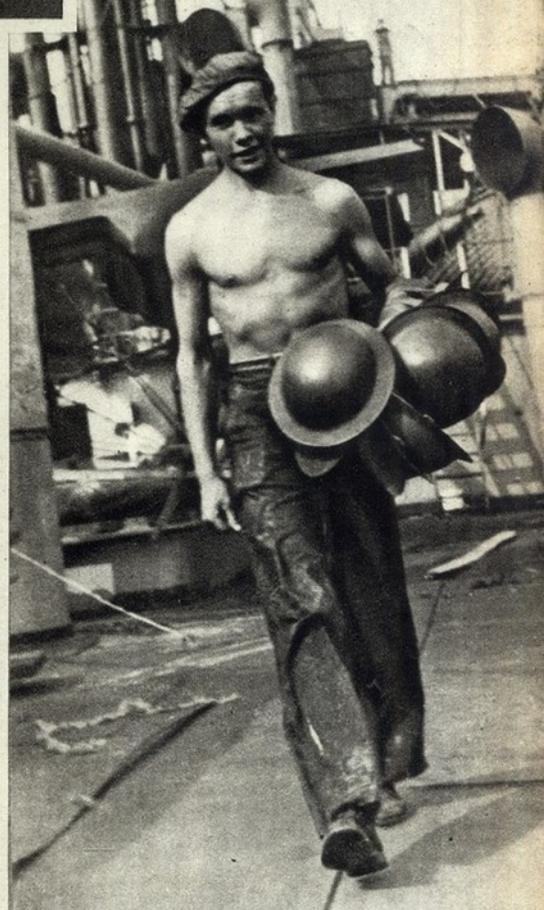
Quiz o destino que o dia 9 de Abril, 22 anos mais tarde, também se tornasse inesquecível na história norueguesa. Foi em 9 de Abril de 1940 que a Noruega, pela invasão das tropas alemãs no seu território, foi trazida para o número das nações actualmente em guerra.

Quando, após dois mês de violenta resistência, se tornou impossível continuar a luta em território norueguês,

o rei Haakon e o seu Governo viram-se na necessidade de tomar uma resolução importante. A resposta do rei veio rápida, quasi antes de posta a questão: Não faremos a paz antes de a Noruega estar livre!

Sabia também o rei que contava com o apoio de todo o seu povo ao tomar a importante decisão de não desistir da luta. Já em 9 de Abril tinha

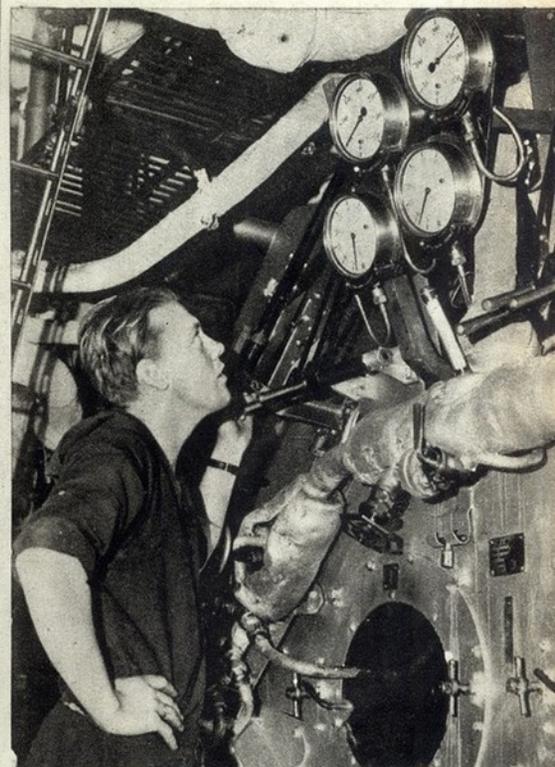
(Continua na página 27)



A marinha norueguesa quer mercante, quer de guerra, prossegue a sua acção nos mares, obtendo brilhantes vitórias



O principe Olav da Noruega, entre senhoras inglesas e americanas da Cruz Vermelha



A bordo de um navio de guerra. A serenidade do maquinista em pleno combate

# PORTUGUESES E INGLESES NA GRANDE GUERRA



*Fraternidade de armas luso-britânica. Depois do Armistício as forças portuguesas do C. E. P. desfilam em Londres perante Jorge V e a família real. O monarca saúda a bandeira verde-rubra*



*Um abrigo numa trincheira das primeiras linhas*

**A** epopeia do 9 de Abril é uma das datas mais belas da nossa história. E.ôa entre clarins, bandeiras destraldadas e o troar dos canhões. Contra a fúria do inimigo, a bravura das nossas tropas.

Eles são muitos, e nós poucos. Não importa! Avançam, aproximam-se numa onda densa que, como tôdas as ondas se quebra, fatalmente, numa linha de defesa, para além da qual o heroísmo é mais forte, mais dramático, que a morte!

Lutámos ao lado dos nossos aliados ingleses escrevendo uma página admirável de epopeia que para todo o sempre nos fará estremecer de orgulho. Contra a cortina de fogo do adversário, contra as suas forças poderosas, os portugueses resistem sempre, prolongando a batalha — uma batalha de horas — que, afinal, durou dias.

Os soldados de La Lys, êsse riosinho que é uma legenda da nossa bravura, eram os mesmos de Aljubarrota, em cujas hostes havia ingleses; eram os mesmos do Busaco, ao lado dos britânicos, que assombraram Wellington; eram, afinal, os mesmos de sempre, fiéis à sua palavra, duma só fé e duma só cara, resolutos e destemidos perante o adversário, e partilhando, com nobreza, aquêlê idealismo que torna grande e imortal as pátrias. Junto ao exército inglês, os «serranos» do C. E. P. foram não, apenas, aliados, mas irmãos de armas cuja história comum em mais duma emergência se têm coberto de louros e de glória.

Nessa manhã, em La Lys, não havia sol.



*A gloriosa Infantaria portuguesa que combateu ao lado dos ingleses na Grande Guerra, e que se cobriu de glória no 9 de Abril*



*Os bravos serranos, fortes e valorosos, que em La Lys resistiram ao impeto inimigo, cobrindo-se de glória*

Nebolina, gritos, clarões de metralha, sombras, a lama das trincheiras. Mas nos peitos portugueses fulgurou a chama da Pátria. Era Portugal que ali estava, o seu corpo e a sua alma, de cujas feridas brotava um sangue rutilante de fé invencível, de heroísmo ardente e de indomável ousadia. E isso bastava! Soubemos mais uma vez vencer o destino.

Esse ponto de resistência, na perspectiva geral da guerra, serviu mais tarde de testa de ponte para o avanço fulgurante que levou à Vitória.

Quando chegou o armistício, os portugueses desfilarão com galhardia sob o Arco do Triunfo e nas ruas de Londres, ante o rei Jorge V. As manifestações que, na capital da Gran-Bretanha, envolveram as nossas tropas, atingiram o delírio.

A nossa bandeira passou, entre flores, e o monarca dum grande império, fez-lhe a continência. Aquela vitória fôra cimentada também com o nosso sangue.

A história fala; ela não mente!



*O general Tamagnini de Abreu com o general inglês Hacking e outros oficiais-generais portugueses e britânicos numa estação em França*



*A população de Londres aclama entusiasticamente as tropas portuguesas no desfile da vitória, consagrando assim a bravura das nossas tropas e a secular aliança entre as duas nações*



*O general Gomes da Costa, que foi comandante do C. E. P., visitando as trincheiras*

# PARA A FRENTE



O famoso general Patton, comandante-chefe das forças blindadas norte-americanas, que na ofensiva sobre Tunis tem tido uma brilhante acção. Ei-lo em pleno campo de batalha, junto do seu tank



O pouco que resta do litoral da Tunisia está sendo constantemente patrulado pela esquadra e a aviação inglesa do Mediterrâneo, que têm infligido perdas quase totais ao inimigo. A sua vigilância admirável fez dizer ao general Giraud que, brevemente, muitos capacetes brancos flutuarão no Mediterrâneo



Os aguerridos "glurkas" regimento que faz parte das tropas do 8.º Exército, protegidos por uma nuvem de fumo, aproximando-se das linhas do inimigo.

# ATÉ TUNIS!



A entrada em Gabés das tropas inglesas. A população recebe-os com vibrante entusiasmo: "Viva Montgomery!"



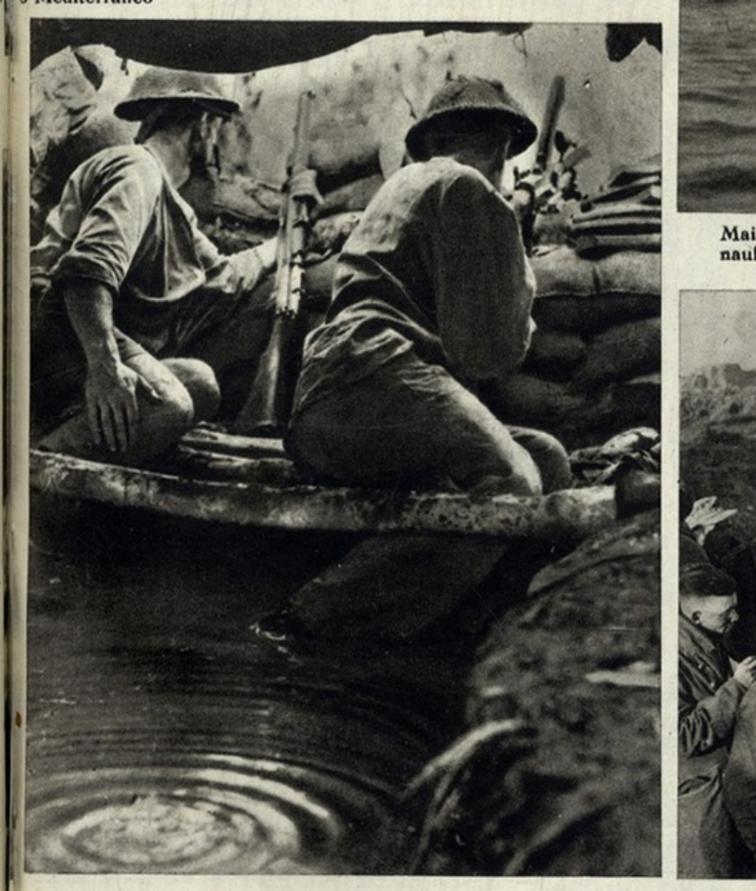
Mais um submarino alemão desce para sempre ao fundo do mar. Dele restam estes naufragos que a corveta britânica "Dianthus", que o afundou vai recolher. A esquadra inglesa é a mais forte, mais forte do que nunca



A tripulação de um submarino italiano afundado por um destroyer inglês no Mediterrâneo, no momento de ser desembarcada



Os heroicos soldados ingleses dentro da linha Mareth, a Maginot da Tunisia, que foi rapidamente conquistada pelos forças do 8.º Exército, a quem a vitória sorri sempre numa legenda imprecipível de glória



Uma posição das forças inglesas junto de um curso de água, cuja guarnição infligiu ao inimigo pesadas baixas



Mais de 20.000 prisioneiros alemães e italianos caíram nas mãos do 8.º Exército entre Mareth e Gabés. O seu número sobe constantemente. Estes são germânicos



O avô deste pescador, nascido nos Açores, saiu de New Bedford, Massachusetts, em 1850 e chegou no primeiro navio que entrou na Baía de Monterey na Califórnia. Em vez de baleias, o seu descendente pesca sardinhas, talvez tão lucrativas, hoje, quanto o eram os monstros marinhos em 1850



Este pescador traz atum e tubarão das águas de Monterey. O seu barco é movido a gasolina e pode ser manobrado por um só homem



Quando não há peixe os pescadores reparam os barcos e as redes. Estas são feitas de fio resistente e muitas têm mais de uma milha de comprimento



Estes jovens pescadores, que jogam as cartas, são descendentes directos dos fundadores da «Old Company». Dedicam-se à pesca da sardinha, para eles tão interessante como o era para seus avós a da baleia

## Pescadores portugueses NA AMERICA

NA história da imigração portuguesa para os Estados Unidos, cheia de episódios sugestivos, nenhum talvez seja mais interessante que aquele que se conta sobre os pescadores portugueses que vieram em 1850 para a Califórnia em busca de ouro e aí ficaram para pescar baleias.

Quando o grito de «Ouro» da Califórnia ecoou nas costas do Atlântico, um grupo de portugueses de espírito aventureiro da Nova Inglaterra partiu para a longa viagem através do continente, ansiosos todos por encontrar a fortuna na costa do Pacífico. E encontraram a fortuna não cavando o leito dos rios e da montanhas, mas lançando as suas redes de pesca nas águas da Baía de Monterey. Tinham sido pescadores na Califórnia.

Organizada em 1855, a «Old Company» tornou-se o núcleo da indústria da pesca da baleia na costa do Pacífico. Os seus fundadores, dezassete portugueses rijos e decididos, tinham vindo para os Estados Unidos poucos anos antes. Diária-

(Continua na página 29)

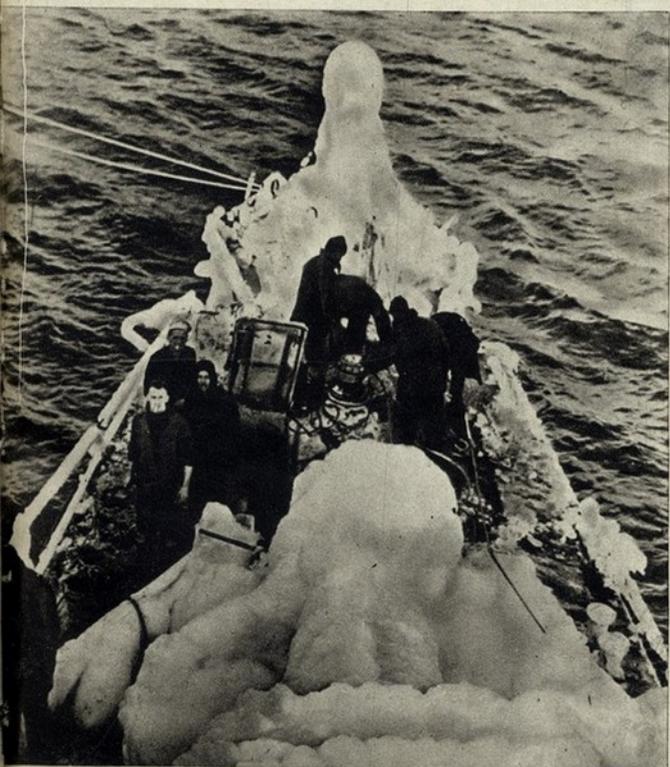


Nada detém os marinheiros ingleses que vencem os próprios elementos. Através dos mares, caminham os comboios carregados de munições para todos os teatros de guerra. Este destroyer, com os seus curiosos efeitos de neve, parece um iceberg

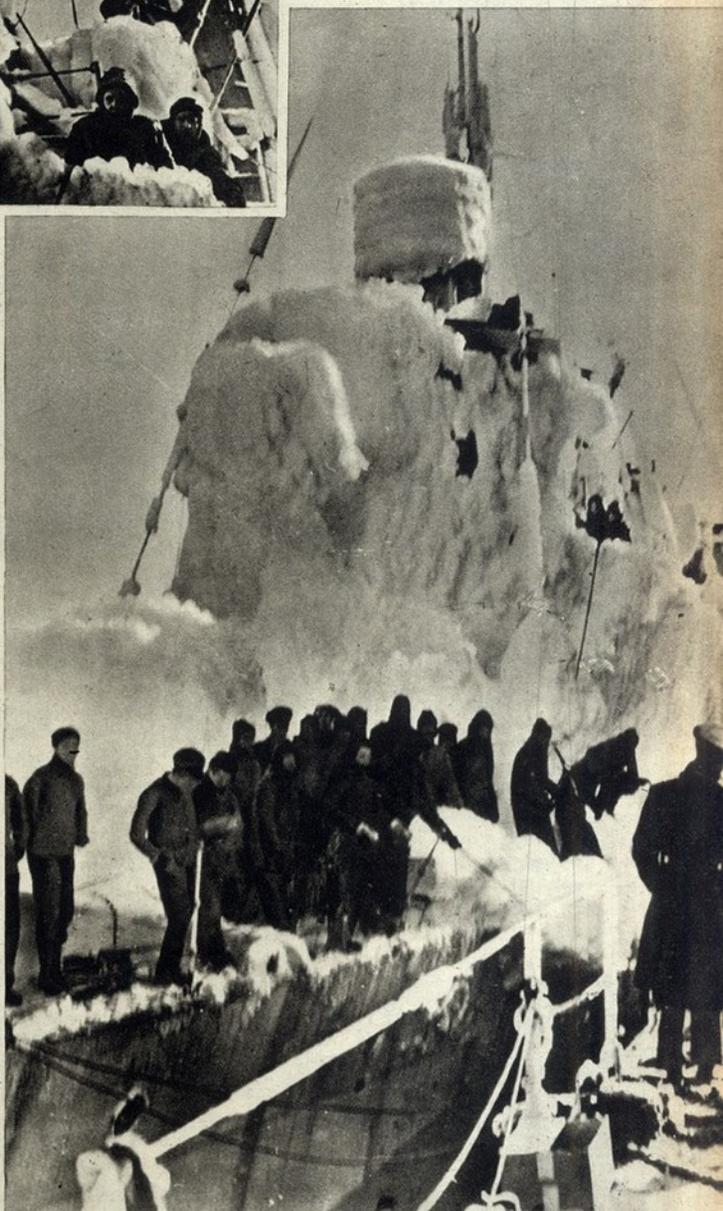


O sorriso vitorioso dos marinheiros ingleses com o seu curioso equipamento para os meses de inverno

## MUNIÇÕES PARA LESTE



A proa de aço rasga os mares gelados na rota de Múrmansk



Um fantástico cenário flutuante. A armada real chega sempre. Os seus marinheiros venceram o gelo e o inimigo

# PAGINA FEMININA

de AURORA JARDIM

## SILHUETA DA MODA



O casaco solto, curto, continua a servir para a rua, quasi sempre liso sobre saia escocesa. Para chá, a saia será de *marocain* ou fino *lainage* e o casaco terá gola e punhos de veludo em côr viva ou, então, será bordado a côres diversas ou a lantejoilas. Lindas blusas acompanharão os *tailleurs*; são muito modernas as que apresentam o tom azul-turquesa ou azul-electrico, harmonisando-se com chapéu igual.

A aproximação do calor faz desabrochar os tons claros — vermelho, azul, amarelo, beije, verde azulado, rosa — e tôdas as variantes dos tons pastel.

Os casacos ainda serão claros, sobre vestidos escuros.

Na época quaresmal é o *tailleur* o triunfador do momento — preto com risquinha branca é sempre bonito porque é classico.

Virão depois os estampados que exhibirão, este ano, motivos astronómicos, como se os homens estivessem cansados do que se passa neste mundo e quisessem aspirar a outro.

O linho, com fios tirados, será motivo destacante — na blusa, no cinto, no encaixe, no sapato, nas algibeiras e no chapéu.

Este continuará a ser uma extravagante flor de exotismo, arvorando feitiços bizarros — *cabriolet*, *capota*, *cordovês*, *chou* — e consentindo tudo: flores, pássaros, tulle, frutos, veus, franzidos, rendas...

Outra nota de gosto tão requintado que se afirmará cada vez mais: a paixão pela bijutaria.

Salvo seja: mas os costureiros criadores, não terão um pensamento reservado? Não quererão que as mulheres se assemelhem às suas *irmãs* de Tombuctu?!...



A moda da Primavera caracteriza-se pela sobriedade das linhas

## E' AMIGA DA SUA AMIGA?

Fala-se muito e sempre no *Amor* e pouco na *Amizade*, dando a impressão que é uma flor de geração espontânea que não precisa de ser tratada. Mas não é nãda disto: a Amizade é tão frágil como o Amor, ou mais ainda porque muito susceptível, com mais relutância para perdoar.

Vou fazer-lhe algumas perguntas e depois, pelas respostas do *test*, verá se é, ou não, amiga da sua amiga.



— Mesmo que não goste da família da sua amiga, convida-a para sua casa, em atenção a ela?

— Se está de mau humor, prefere dissimular ou sente-se bem dizendo-lhe o que a aflige?

— Respeita os gostos dela, não querendo impor os seus?

— Se ela está doente, fica aflita... com medo que seja contagioso?

— Acha que vale a pena estar sempre a censurá-la — só porque pensa de modo diferente?

— Se lhe dirigem mais galanteios do que a si, fica invejosa ou, pelo contrário, esforça-se para os pôr em relêvo?

— E' capaz de guardar o segredo que ela lhe confiou, mesmo que a sua divulgação lhe traga vantagens?

## CASA QUEY

HOSIERY SPÉCIALITS

OUT SIZES

MAISON FRANÇAISE

RUA SERPA PINTO, 18



Dois «tailleurs» para passeio, à tarde

# ONTEM E HOJE

## Tristeza de ser alegre

**C**ERTO escritor espirituoso — que o era, de facto, pela graça que punha nas páginas dos seus livros — contava que, em qualquer ocasião, encontrou um amigo que, a propósito de um hilariante artigo, o felicitou deste modo:

— Parabéns. Fartei-me de rir com as tuas pilhérias. Gostava de ser como tu... Como consegues tão boa disposição?... Ser tão alegre?... Sem cuidados?

— O pior — segredou-lhe o escritor — é que, às vezes, me sucede, quando termino de escrever essas coisas a que tu e outros acham muito graça, surpreender-me a reprimir uma lágrima.

## Queda de um anjo

**U**MA poetisa de nomeada, há muito falecida, tinha, a par dos seus dotes poéticos, particularidade física pouco de admirar: possuía um nariz feio e chato.

Numa reunião de pessoas de espírito, um galanteador de profissão proclamou perante a assistência predominantemente feminina:

— Todas as mulheres são anjos!

Ouvida a frase, a senhora de nariz incorrecto perguntou, interessada e sorridente:

— Também me considera um anjo?...

— Por que não? — concluiu o galanteador. — Pena foi que quando caiu do céu tivesse amachucado o nariz.

## Conceitos alheios

**S**E o génio é uma «paciência», como afirmou certo filósofo, a inspiração, no conceito do autor das «Flores do Mal», consiste em trabalhar todos os dias.

## Princípio humilde de grandes homens

**H**Á umas dezenas de anos um editor francês, propondo-se publicar obras dum romancista estrangeiro, enviou-lhe, para efeitos de publicidade, uma carta pedindo-lhe dados que esmaltassem a vida do romancista.

A resposta foi rápida e curta. O romancista em questão informou o editor que, antes de publicar a sua primeira obra, exercera, entre outros obscuros misteres, o de trabalhador numa linha férrea, carregador, pa-deiro, etc.

Seria infundável o número de escritores que, em várias épocas, foram, antes de obter a celebridade, ignorados obreiros e míseros seres á margem de situações de categoria.

Shakespeare, à entrada dos teatros, em Londres, abriu portas às carusagens; Panait Istrati foi fotógrafo ambulante em Nice; Zola, no princípio da sua vida de escritor, alimentou-se de pão embebido de azeite, para poder viver.

O conde Leão Tolstói foi um dia tomado por moço de fretes. Um senhor de alta linhagem vendo o autor da «Guerra e a Paz» na gare de uma estação ferroviária tomou-o — dado o descuido das suas barbas e o desleixo do vestuário — por um carregador, e ordenou-lhe: — Velho, leva-me esta mala.

Ordem que o romancista de «Ana Karenine» cumpriu filioficamente. Entre nós, também nos deram exemplos de humildes princípios escritores h je justamente celebrados.

Filho, como ele nos conta, apodreceu sete anos da sua mocidade numa botica a manipular emplastos e pilulas; Oliveira Martins foi simples empregado dos Caminhos de Ferro; Ramalho, obscuro burocrata; e com Sampaio Bruno deu-se este caso que talvez mereça a pena relembrar.

Um historiador francês veio a Portugal propositadamente para consultar o autor de «Notas do Exílio».

Chegado ao Porto, informou-se da morada do grande polígrafo. Deram-lhe o endereço: uma padaria. O visitante entrou no estabelecimento indicado. Um homem forte, de fartos bigodes, ar simpático de filósofo bondoso, vestindo um amplo guarda-pó, atendis, delicada e honrosamente, a clientela, vendendo-lhe pão.

O escritor francês inquiriu:

— É aqui que mora o Mestre Sampaio Bruno?

— Sim, senhor. Espere um momento.

Atendidos os fregueses, o autor de «A Geração Nova» disse ao visitante:

— Faça favor de entrar.

E conduziu-o a um cubículo a fingir de escritório.

— Queira dizer o que deseja.

— Mas... mas... — silabou, indeciso, o escritor francês — Não é consigo que eu pretendo falar... é com o Mestre Sampaio Bruno.

— Pois estou às suas ordens. O Mestre Sampaio Bruno sou eu.

## Um rapaz simples...

**C**ONTA um escritor já falecido que, em tempos, um jóvem fútil e ambicioso que, aliás, já era titular, pretendeu ser moço fidalgo.

O rapaz em tempos fizera recados num sórdido botequim.

Em face da ambição, o ministro B. pondera-lhe:

— «Diabo de mania! Para que quer você ser moço fidalgo? Fidalgo já você é, moço já você foi...»

Augusto Ricardo

## A Noruega na guerra

(Continuação da página 19)

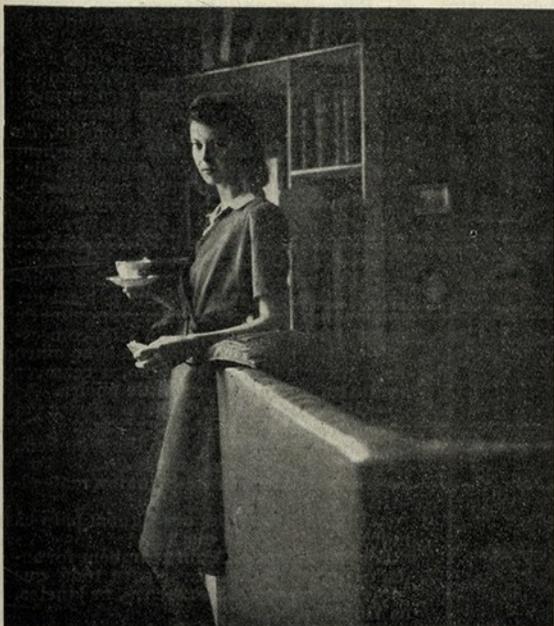
êle, com o seu Governo, obtido um voto unânime da assembleia nacional (o «Storting») concedendo-lhe plenos poderes para a continuação da guerra com o fim de libertar o país, mesmo que a luta viesse a ter que fazer-se fóra das fronteiras nacionais.

Só há um rei da Noruega e também nunca houve mais que um só Governo norueguês: aquêlê que detinha o poder quando o país foi invadido — o mesmo que hoje continua em funções depois de se ter transferido para Londres.

O ataque à Noruega custou aos alemães uma quarta parte dos navios de superfície da sua marinha de guerra. A maior parte dêles foi afundada pela marinha e pela aviação inglesas. Mas também os noruegueses fizeram importantes afundamentos de navios de guerra alemães.

A marinha de guerra norueguesa ocupa hoje o quarto lugar entre as Nações Unidas, com aproximadamente 70 navios. As suas unidades encontram-se em todos os mares. Ainda há dias, duas delas aventuraram-se até mesmo dentro do porto norueguês de Floró, e, sem sofrerem quaisquer perdas, afundaram dois navios alemães fortemente carregados. Mas a maior fama alcançou-a o «navio lendário» «Sleipner», pequeno contra-torpedeiro que se bateu valentemente em águas norueguesas enquanto durou a campanha no país, e que, finda ela, tem continuado a lutar com base em portos britânicos, mas sempre sob o pavilhão norueguês.

Há que mencionar finalmente a contribuição da frota mercante norueguesa. Com mais de 4 milhões de toneladas e cerca de 1.000 navios, é a quarta frota mercante do mundo. Além de toda a espécie de outras mercadorias, 40 por cento da gasolina, óleos e petróleo de que os aliados necessitam para a luta nos vários teatros de guerra, são transportados em navios noruegueses.



Tarde romântica na biblioteca

(Fotografia de Cecil Beaton)

## UM SONETO de António Nobre

O virgens que passais, ao Sol-poente,  
pelas estradas, ermas, a cantar!  
Eu quero ouvir uma canção ardente,  
que me transporte ao meu perdido Lar.

Cantai-me, nessa voz omnipotente,  
o sol que tomba, aureolando o mar,  
a furlura da seara reluzente,  
o vinho, a graça, a formosura, o luar!

Cantai! cantai as límpidas cantigas!  
Das ruínas do meu Lar desalterrai  
tôdas aquelas ilusões antigas

Que eu vi morrer num sonho, como um  
[ai...]

O suaves e frescas raparigas,  
Adormeci-me nessa voz... Cantai!

# PEDRAS DERRUBADAS

NOVELA DE TRISTÃO DA ALEGRIA

QUANDO êle vinha da feira, ela ia esperá-lo no caminho. Êle também sabia de tôdas as vezes que ela ia à fonte ou vinha da fazenda. Caminhavam, então, a par um do outro, falando do que mais sabiam — o faval da tia Anica que era um gôsto vê-lo, o rebanho do Zê da Mò que havia de ir a tosquiar dali pelos quinze dias, o poço da quinta grande que não tinha muita água êste ano. E disso falavam e com isso se contentavam.

— Vês, Maria? Que lindos vô êste ano aqueles choupos...

— São as nossas árvores, Manel... Já nos conhecem a nós como nós as conhecemos a elas.

E as árvores bem os conheciam, realmente. Bem escutavam as conversas simples dêles dois — o faval, o rebanho e o poço. E também as árvores — aquelas árvores...

Mais adiante, passavam rente àquela casa que vinha ter com êles ao caminho. Nem uma janela aberta. Porque seria aquilo das janelas sempre fechadas? Nem êles sabiam nem falavam disso. O que havia, o que êles sentiam em si era uma atracção estranha por aquela casa, que lhes parecia tão acolhedora como hostil. Que seria? Não sabiam. Era, antes do mais, talvez o sossego que tudo aquilo respirava, o ar cativante que irradiava. As janelas baixas eram debruadas de sardineiras, que ao reventar da flor se pintavam orgulhosamente de rosa e amarelo.

— Para a Primavera — Lembras-te, Manel? — havemos de ver outra vez aquelas flores...

— As nossas flores — corrigia êle.

E ela corava levemente. Parecia-lhe, então, que naquelas palavras ia alguma coisa que êle nunca lhe dissera. Mas não...

Passaram e repassaram ali. Tempos e tempos a fio. Quando êle voltava da fei-

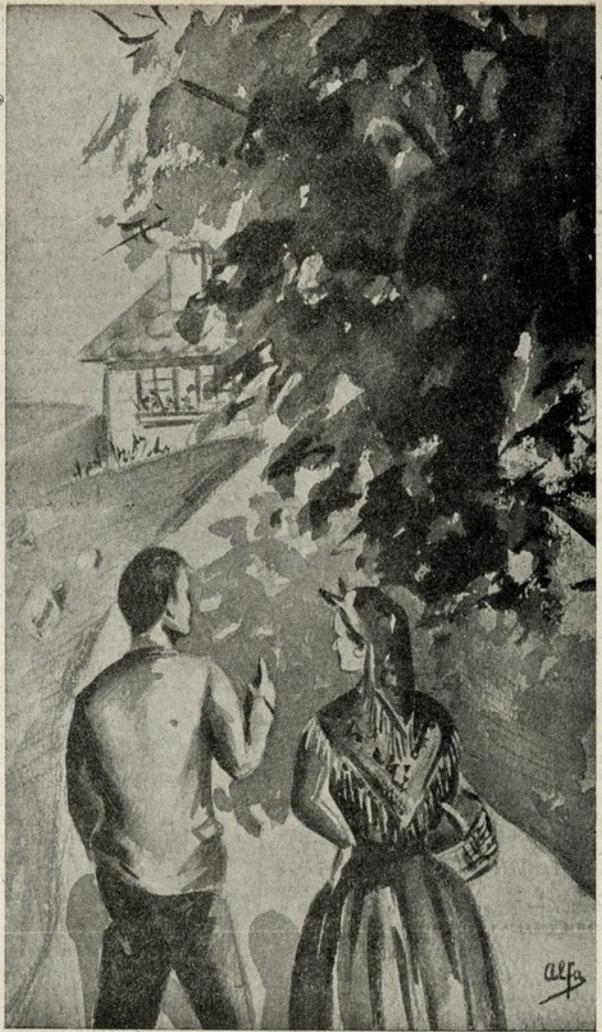
ra ou quando ela vinha da fonte ou tinha de ir à fazenda. Chovesse ou fizesse sol.

— Lá está ela, a nossa casa...

Ela ficou-se a cismar. Êle tinha dito «a nossa casa»? Aquilo não queria dizer alguma coisa? Era ela que pecava em pensamento, atribuindo-lhe a êle idéias de pecado... Que mal tinha aquilo? Êle tinha dito, realmente, «a nossa casa» — mas, a casa, afinal, não era dêles, pelo menos como marca do caminho, pelo menos como assunto de conversa? Era uma realidade na vida que viviam, nos passos que gastavam, no encanto em que comungavam. Portanto... No outro ano lá estavam outra vez as flores. Quem curava daquelas flores, se ninguém ali acenava um sinal de vida, se nenhuma janela se entreabria? Mas lá estavam as flores vistosas e garridas a gritar o seu grito colorido e silencioso de vida, a bradar o prazer e a alegria da lei da natureza. E no outro... êle aventurou-se:

— Sabes, Maria? Nunca ouviste contar contos de fadas?

— Lembro-me dos que contava a minha



— Olha, Maria, vês? A nossa casa vai para obras...

avôzinha, tão bonitos... E dos que a minha mãe com ela tinha aprendido...

— Pois se eu um dia fosse príncipe encantado era uma casa assim que eu queria ter...

Dali por diante, aquela casa, onde nunca tinham entrado, nem pensavam em vir a entrar, nem sabiam como era, nem de quem era — passou a ser «a nossa casa». Uma espécie de sanho, de alegoria, de história de fadas. Mais nada. Mas que bem que lhes sabia pressentir o mundo de alusões e de suposições a que o seu entendimento ingénuo docemente os arrastava!

— Lembras-te, Manel, a primeira vez que disseste que esta era a nossa casa?...

Pela outra época em que haviam de cobrir-se de rumores de cor as janelas fechadas da casa silenciosa, veio por ali um borborinho de gente, com uns sujeitos de gravata, que deviam ser da vila, começaram a tirar medidas, começaram ao outro dia a tirar telha após telha, a remover aquilo tudo numa revoadada de poeira.

— Olha, Maria, vês? A nossa casa vai para obras...

Ela bem via e aquilo não lhe soou bem. Pareceu-lhe uma profanação.

— Se calhar, vão fazê-la maior, mais alta...

— Talvez venha depois alguém para cá morar... — sugeriu ela.

Foram andando. A obra também folgado. Ao outro dia, era a casa toda que estava a ser demolida: a casa, as janelas, as flores!

— Era ali, lembras-te?...

— Sim, lembro. Não tornamos a ver as nossas janelas floridas...

MÁQUINA DE ESCREVER NÃO ERA  
CONHECIDA ATÉ QUE EM 1873

## REMINGTON

CONSTRUIU A PRIMEIRA

Máquinas {  
Comerciais  
Portáteis  
Somar  
Contabilidade

OFICINAS DE REPARAÇÃO COM PESSOAL ESPECIALIZADO

Ficheiros **KARDEX** e Arquivos

LISBOA — R. da Misericórdia, 20-1.º — Telefones: 2 1802 - 2 1803

PORTO — R. Sá da Bandeira, 69-2.º — Telefone: 1 276



As mulheres americanas na luta

# Construindo a VITÓRIA

(Continuação da página 2)

netrante observação. Quanto ao trabalho de máquina, não é necessário muito tempo para instruir eficientemente qualquer operária. Nas fábricas de aviões, são mulheres que constroem secções de asas e montam trens de aterragem, quadros de instrumentos e de controle das bombas. Nos arsenais e fábricas de munições, trabalham como rebitadoras e soldadoras. Indústrias há em que 75 por cento do trabalho é feito por operárias.

Em engenharia, algumas

mulheres têm alcançado lugares de grande relevo. Uma, por exemplo, é hábil desenhadora de destroyers para a marinha dos Estados Unidos; outra desenha aviões. Um dos mais hábeis pilotos de ensaio é uma mulher, assim como é ainda outra mulher, de 28 anos, que se especializou em experimentar modelos de paraquedas, saltando de aviões a grandes altitudes. Para a entrega de aviões do Exército,

das fábricas às bases aéreas situadas nos Estados Unidos, há um corpo auxiliar de mulheres-pilotos.

Cinco grupos femininos já foram incorporados no serviço das forças armadas norte-americanas, e breve mais outros grupos serão criados. Tanto o Exército como a Marinha têm o seu corpo de enfermeiras e de pessoal auxiliar, também feminino, para serviço activo nas linhas da retaguarda.

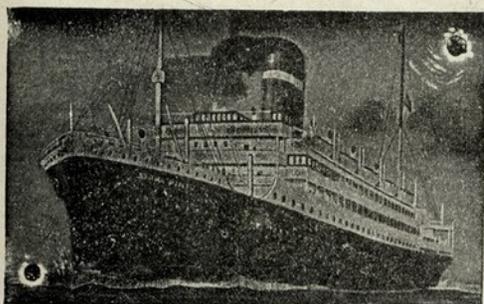
Quanto à defesa civil, há corpos auxiliares femininos para atender ao serviço de bombeiros, policiamento e de vigias contra ataques aéreos. Trabalham como enfermeiras, motoristas, secretárias e auxiliares. Em algumas dessas organizações, as voluntárias devem ser boas atradoras e saber dirigir caminhões de sete toneladas e meia. Uma vez incorporadas, recebem instrução elementar militar, de primeiros socorros, mecânica de motores, leitura cartográfica e tiro ao alvo.

A Comissão Feminina Inter-americana, que se reuniu em Novembro, em Washington, tratou de várias medidas a adoptar que ficarão confiadas directamente ao elemento feminino.

## OS PAQUETES

DA

### Companhia Colonial de Navegação



O LUXUOSO PAQUETE "SERPIA PINTO"

ligam a Europa com as Américas do Norte e do Sul e com a África em linhas rápidas

#### PAQUETES

«Serpia Pinto» . . . . .	8.267 T.
«Mouzinho» . . . . .	8.374 »
«Colonial» . . . . .	8.309 »
«João Belo» . . . . .	7.540 »
«Guiné» . . . . .	3.200 »

#### VAPORES DE CARGA

«Pungue» . . . . .	6.290 T.
«Malange» . . . . .	5.050 »
«Lobito» . . . . .	4.200 »
«Sena» . . . . .	1.420 »

#### ESCRITÓRIOS

LISBOA — Rua Instituto Virgílio Machado, 14 (à Rua da Alfândega) — Tel. 2.0051

PORTO — Rua do Infante D. Henrique — Tel. 2.342

## Pescadores portugueses na América

(Continuação da pag. 24)

mente faziam-se ao mar em duas pequenas embarcações para dar caça às baleias gigantes do Pacífico e à baleia cinzenta da Califórnia.

Atraídos pelo êxito da «Old Company», centenas doutros por da Nova Inglaterra se dirigiram para a Califórnia. Entre 1850 e 1860 o seu número subiu de 109 para 1459. Em 1885, porém, os pescadores portugueses tiveram que abandonar a pesca dos gigantes dos mares pela da sardinha, então extraordinariamente abundante na Baía de Monterey.

Assim como os homens da «Old Company» que enfrentavam o mar em pequenas embarcações, a maioria dos pescadores portugueses continua hoje a usar os pequenos barcos na Baía de Monterey. Alguns, movidos a gasolina, podem ser manobrados por um só homem. Os maiores levam uma tripulação de 12 homens, que têm a sua parte nos lucros de cada viagem. Navegando em seus barcos minúsculos para a Baía de Monterey passam por Punta de Pinos, um dos três pontos históricos visitados pelo descobridor português da Califórnia, João Rodrigues Cabrillo em 1542. Os cidadãos de Monterey pensam erguer um monumento com 80 metros de altura em Punta de Pinos em honra do grande navegador português.

Quereis ganhar dinheiro?

ANUNCIAI NO  
**MUNDO GRAFICO**

A melhor revista gráfica portuguesa

R. das Gáveas, 6-2.º | Lisboa  
Telefone 25240

Use Pebeco — proteja a sua saúde dental com esta combinação de sais activos



PASTA DENTÍFRICA

PA. 373

# GLÓRIA À R. A. F.

(Continuação da página 8)

cumenta, com o seu esforço e com o seu sacrifício, a verdade essencial que os seus chefes acabam de revelar: ela é a maior e a mais completa força aérea entre todas as que actualmente disputam o domínio dos ares como condição principal para alcançar a vitória.

A acção recente da aviação de bombardeamento da Gran-Bretanha não pode deixar de ser recordada, na hora em que a R. A. F. comemorou o seu 25.º aniversário. É essa acção que permite desarticlar a máquina de guerra do adversário atacando-a nos seus pontos essenciais e fazendo, diariamente, a prova da existência de um potencial esmagador. Os bombardeamentos maciços e ininterruptos das cidades industriais do Reich, da Itália e dos países ocupados

que contribuem para o esforço de guerra do "eixo," constitui um dos acontecimentos predominantes nesta fase da guerra. Na luta contra os submarinos também a competência, a decisão e a perícia dos homens da aviação britânica se tem ultimamente afirmado de maneira decisiva.

A R. A. F. aproveitou o ensejo que lhe oferecia a celebração da data tão festiva para homenagear e distinguir o Primeiro ministro da Gran-Bretanha com o oferecimento de um posto elevado da sua hierarquia. Nenhuma compensação seria certamente tão grata ao espírito de Churchill como essa que o irmana aos heróis que, embora não tendo a nomeada de que goza o famoso homem de Estado inglês, vivem permanentemente no seu coração.

## A CAMPANHA DE LESTE

# A LINHA DO DON

por CARLOS FERRÃO

**A** acalmia verificada durante a última quinzena no teatro de operações no leste europeu, não deve criar quaisquer ilusões sobre a importância da luta que ali continua a travar-se. É preciso não esquecer que precisamente nesse teatro de operações se concentram de ambos os lados grandes efectivos. Nos domínios do material e do equipamento é para a frente leste que a Inglaterra e os Estados Unidos continuam a enviar uma parte importantíssima da sua produção.

A campanha de inverno prosseguiu ininterruptamente entre os meados de Novembro e os fins de Março, ao longo, portanto, de quasi cinco meses. As vantagens de ordem territorial e estratégica alcançadas pelos exércitos soviéticos são incontestáveis. Sob o ponto de vista territorial, os russos reconquistaram a quasi totalidade das regiões que haviam perdido durante o verão e parte do outono; sob o ponto de vista estratégico libertaram a linha do Volga e a zona compreendida entre este rio e o Don, a ameaça imediata do adversário e desafiaram completamente a região de Moscovo.

O episódio culminante da campanha de inverno foi a libertação de Estalinegrado e a rendição das tropas do marechal von Paulus. Apesar de terem ocupado Karkow, os alemães não conseguiram cercar os exércitos soviéticos que se encontravam naquela região. O comando russo preferiu abandonar esta cidade a deixar que as suas tropas fôsem aprisionadas instalando-se, fortemente, no Donetz, em cuja margem ocidental conserva poderosas testas-de-ponte, nas quais, até agora, se têm quebrado todos os ataques dos invasores.

## Um Novo e Surpreendente Pó de Arroz

que dá um Tom de Pele Maravilhoso e Belo

Dez vezes mais fino porque é feito por um processo novo que o torna leve como o ar. Praticamente invisível em cima da pele — parece natural — não lhe dando aparência «maquilhada». Adere todo o dia, mesmo com vento e chuva. Nada de «nariz brilhante», mesmo que dance toda a noite na sala mais aquecida, porque o Pó Tokalon é misturado por processo patenteado, com a «Mousse de Creme». Existe à venda em 10 tons moderníssimos, bem parisienses, criações dum Especialista francês de beleza. Só no PÓ TOKALON se encontra estas surpreendentes vantagens. Experimente hoje mesmo, olhe para o espelho e verá uma imagem, a Sua, fascinante, sedutora e bela.

A venda em todas as perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando escreva para o depósito Tokalon, 88, Rua da Assunção, Lisboa, que atende na volta do correio.



## MOCIDADE DE HÁ QUARENTA ANOS

(Cont. da pág. 12)

entusiasmo ao empreendimento do que há quarenta anos.

Júlio Vilar, Adalberto Rato, Joaquim Moreira, e outros antigos executantes da Tuna Comercial, deram-se à louvável tarefa de resurgir as tradições artísticas da Tuna.

O sonho, mercê de um esforço conjunto, tornou-se realidade:

A Tuna Comercial tem história digna de registo: O seu regente, sr. Amadeu Stoffel, é ainda o mesmo de há quarenta anos; as tradições artísticas são para ela motivos honrosos: fez-se ouvir em câmaras reais; o seu estandarte tem, entre outros distintivos, enaltecidos, fitas bordadas a ouro que lhe foram oferecidas pelos príncipes de Cagnaguth, após um sarau realizado em sua honra no Coliseu dos Recreios, quando da visita a Portugal daquelas altas figuras.

E, a Tuna, a «velha Tuna renovada», dará numa casa de espectáculos, em Lisboa, um concerto cujos produtos reverterá a favor de outra instituição admirável: a dos «Inválidos do Comércio».

## Neogravura, Limitada

A oficina onde se imprime o Mundo Gráfico



Trav. da Oliveira à Estrêla, 4 a 10  
Telef. 64426  
LISBOA



CREMES  
PARA DE DIA  
E PARA DE NOITE



Academia  
Científica  
de Beleza

AVEN. DA LIBERDADE, 35  
TELEF. 1866 — LISBOA

Os produtos de beleza

Rainha da Hungria

PARA PELES NORMAIS, EMBELEZAM, REJUVENESCEM E ETERNIZAM A MOCIDADE

SALÕES DE ESTÉTICA E DE TRATAMENTOS DE BELEZA POR PROCESSOS CIENTÍFICOS

# B.B.C. A VOZ DE LONDRES FALA E O MUNDO ACREDITA

EMISSÕES EM LÍNGUA PORTUGUESA

hora de Lisboa	Comprimentos de Onda	hora de Lisboa	Comprimentos de Onda
8,45 . . .	41,75 m. ( 7,19 mc/s)	21,45 . . .	42,13 m. ( 7,13 mc/s)
	31,75 m. ( 9,45 mc/s)		261,1 m. (1,149 kc/s)
	31,32 m. ( 9,58 mc/s)		1.500 m. ( 200 kc/s)
13,15 . . .	24,92 m. (12,04 mc/s)	22,00 . . .	31,75 m. ( 9,45 mc/s)
	19,76 m. (15,18 mc/s)		41,75 m. ( 7,19 mc/s)
			42,13 m. ( 7,13 mc/s)
			261,1 m. (1,149 kc/s)
			1.500 m. ( 200 kc/s)



# MUNDO GRÁFICO



S. M. o Rei  
Jorge VI  
com  
o almirante  
Sir J. Tovey  
passa revista  
aos gigantes  
da Home Fleet